



Os sobreviventes literários de Luiz Ruffato

Autor(es): ORO, Vanessa Martinelli; CUNHA, João Manuel dos Santos.

Apresentador: Vanessa Martinelli Oro

Orientador: João Manuel dos Santos Cunha

Revisor 1: Sílvia Costa Kurtz dos Santos

Revisor 2: Paula Branco de Araujo Brauner

Instituição: Universidade Federal de Pelotas

Resumo:

Vinculada ao projeto de pesquisa “Literatura brasileira contemporânea: fluxos e influxos transtextuais”, a investigação em curso tem como objetivo analisar o conto “A solução”, do livro “(os sobreviventes)”, de Luiz Ruffato (2000), a partir da hipótese de que o texto se insere em vertente da literatura contemporânea que faz avançar os pressupostos do realismo, visando à compreensão da natureza das relações sociais. Para isso, levar-se-á em conta o princípio da teoria da intertextualidade, pela qual “todo texto [visto em contexto específico] é absorção e transformação de outro” (KRISTEVA, 1969). O que se resume aqui é a reflexão inicial através da qual se aprofundará, na continuidade, a leitura crítica da narrativa. No conto, Hélia, 15 anos, trabalha para ajudar nas despesas de casa. Em momento específico de uma jornada de trabalho na fábrica, uma colega se atrasa e ela precisa ficar mais tempo no serviço, tendo que voltar para casa a pé. No longo trajeto a percorrer, o narrador permite que aflore a voz da personagem, por meio de discurso indireto, marcando o tempo psicológico, presentificado textualmente pelo fluir de seu pensamento. O conto se estrutura, então, a partir daí, por meio de idas e vindas nesses dois tempos narrativos. Hélia não se conforma em ter nascido e continuar pobre. Seu sonho é o de conhecer um homem rico que se apaixone por ela e que a leve dali. Percebe-se a intenção do narrador de intertextualizar, por meio da paródia, com textos que formataram o imaginário brasileiro, desde as platitudes narrativas de um romantismo exacerbado até o folhetim televisivo, fincado em uma realidade estereotipada via cultura de massa. No simulacro espetacular do cotidiano, o folhetim oitocentista reaparece eletronicamente para alimentar imaginários menos preparados para enfrentar a realidade. No percurso, entretanto, entendendo que nunca aparecerá a solução, Hélia pensa em morrer. É socorrida, no entanto, por um ex-namorado. Dessa forma, a narrativa termina em chave realista. Em momento algum há indício de desfecho anedótico romântico, fingimento de “final feliz”, edulcorado por modelos alienantes da indústria cultural, pois logo se passa a outra história e a outra e a outra, numa sucessão de fragmentos que apresentam ao leitor episódios do cotidiano de Hélia, e de suas atribuições em contexto que não a acolhe e no qual não há espaço para a concretização de um imaginário formatado pelo próprio aparelho social e cultural que a limita.